

AS ELEIÇÕES ANGOLANAS DE 1992

DOI: 10.5935/2177-6644.20160022

THE 1992 ANGOLAN
ELECTIONS

LAS ELECCIONES
ANGOLEÑAS DE 1992

Marcelo Bittencourt*

Resumo: O objetivo desse texto é apresentar e analisar as campanhas eleitorais dos dois principais partidos que concorreram às eleições angolanas de 1992: MPLA e UNITA. Diferentes aspectos ajudam a entender as estratégias de campanha adotadas, tais como o ineditismo do pleito, a prolongada guerra civil que o antecedeu e as violações de ambos os partidos a determinados itens do acordo de paz em vigor.

Palavras-chave: Angola. Eleições. Partidos políticos. Campanhas eleitorais.

Abstract: The aim of this paper is to present and analyze the election campaigns of the two major parties that competed in the Angolan elections of the 1992: MPLA and UNITA. Different aspects can help understand the campaign strategies adopted, such as: the election unprecedented, the prolonged civil war that the country knew and violations of both parties to certain items of the peace agreement in force.

Keywords: Angola. Elections. Political parties. Election campaigns.

Resumen: El objetivo de este texto es presentar y analizar las campañas electorales de los dos principales partidos que concurren a las elecciones angoleñas de 1992: MPLA y UNITA. Diferentes aspectos ayudan a entender las estrategias de campaña adoptadas, tales como la elección sin precedentes, la prolongada guerra civil que lo antecedió y las violaciones de ambos partidos a determinados ítems del acuerdo de paz en vigor.

Palabras clave: Angola. Elecciones. Partidos políticos. Campañas electorales.

* Docente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense – UFF. E-mail: marcelo216@gmail.com

Introdução

Angola é um país com muitos anos de guerra. Sua luta armada anticolonial teve início em 1961 e só em 1975 conquistou a independência de Portugal. Infelizmente, esse também foi o ano de início de um novo confronto, a prolongada guerra civil que se estendeu até 1991. Naquele ano, foi assinado um acordo de paz, que apesar das suas limitações, levou às eleições de setembro de 1992. Esse texto trata exatamente dessas eleições.

Para além dos prolongados períodos de guerra, outras particularidades marcam a história política de Angola. Sua luta pela independência contou com a participação de vários movimentos de libertação, que lutavam contra as tropas portuguesas, mas também entre eles. Os de maior longevidade, recrutamento e capacidade de combate foram o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA).¹

Esses três movimentos, após o 25 de Abril de 1974,² negociam o cessar-fogo com os militares portugueses e a formação de um governo de transição que dura pouco tempo. No correr do primeiro semestre de 1975, o conflito armado envolvendo as três principais forças políticas angolanas toma a capital, Luanda. A data da independência, 11 de novembro de 1975, agendada anteriormente, é respeitada pelos militares portugueses, que oficialmente transferem a soberania do território ao povo do novo país.

O MPLA, apesar de inúmeras dificuldades, controlava a capital e podia, assim, proclamar a independência. Angola, como país, nasce em guerra. Dessa vez o conflito seria entre o governo do MPLA, de orientação crescentemente socialista, que controlava o Estado, e, como seu oponente, a guerrilha da UNITA, que foi se fortalecendo através dos acordos internacionais e da conquista dos espaços não assegurados pela administração do Estado. Essa, no entanto, era a face angolana do conflito, já que o mesmo decorria na vigência da Guerra Fria. Em apoio ao MPLA estariam a URSS, os

¹ Escapa aos objetivos desse artigo um aprofundamento sobre a luta de libertação angolana. Para isso ver, entre outros, os seguintes trabalhos: Marcum (1969 e 1978), Tali (2001) e Bittencourt (2008).

² Nessa data, o regime ditatorial do Estado Novo português seria deposto pelo Movimento das Forças Armadas (MFA). Também conhecida por Revolução dos Cravos, a ação iniciada naquele dia alteraria por completo a vida política portuguesa, mas também as das suas colônias, como era o caso de Angola. Sobre o tema ver, entre outros, os seguintes autores: Secco (2004) e Rezola (2007).

países do Leste Europeu e os efetivos militares cubanos. Pelo lado da UNITA, os EUA patrocinariam sua guerrilha, que contaria com um crescente apoio no terreno dos militares da África do Sul (BITTENCOURT, 2015).³

A guerra ganhou intensidade nos anos 1980, destruindo infraestruturas do novo país e, sobretudo, aumentando o número de vítimas angolanas. O conflito não pode ser analisado sem levar em consideração a conjuntura regional, polarizada pela África do Sul, e a internacional, imbricada na lógica exclusivista da bipolarização do mundo. Essa força dos elementos externos ajuda a entender a mudança de cenário do final dos anos 1980, na região austral do continente africano e também em Angola.

A queda do Muro de Berlim e o impasse militar entre a África do Sul e os dois vizinhos marxistas-leninistas, a Angola do MPLA e o Moçambique da Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique), formam o pano de fundo para as primeiras reuniões de múltiplos atores com interesses na região. Entre as consequências dessas articulações estaria um acordo de paz envolvendo o governo angolano e a guerrilha da UNITA. O acordo, assinado em maio de 1991, previa para setembro do ano seguinte a realização de eleições presidenciais e legislativas que iremos examinar.

Vale acrescentar, ainda, que a análise da campanha eleitoral será em grande medida baseada nos vídeos da campanha de 1992, muitos deles disponíveis no *youtube*. Alguns desses vídeos foram postados pelo jornalista Ricardo Noblat, que participou da campanha do MPLA, ou com sua autorização, já que possuem um logo do seu blog.⁴ Outros foram postados nos últimos anos por angolanos que gravaram os comícios e os programas eleitorais televisivos veiculados à época.⁵ Uma última forma de aquisição e visualização desses vídeos foi feita através da compra de dvds nas ruas de Luanda, mais exatamente nos sinais de trânsito da capital, a partir de 1995.⁶

³ Pode parecer estranho, que um movimento de libertação que assumiu o apoio chinês no seu início, nos anos 1960, passasse a contar com o apoio da África do Sul do Apartheid na década seguinte. O que nos ajuda a entender tal mudança é a lógica polarizada da Guerra Fria e o “instinto” de sobrevivência da UNITA.

⁴ O blog do jornalista também é uma fonte importante sobre a campanha de 1992, ver <http://noblat.oglobo.globo.com>

⁵ Como é o caso da longa série que inicia com o filme “Angola 1992 parte 1”, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=WlavyD7h2RU>, acessado em 11/07/2016 e vai até “Angola 1992 parte 16”, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=lgL5p-p_zBs, acessado em 11/07/2016. Todos os vídeos foram postados pelo fotógrafo angolano Ademar Rangel.

⁶ Esses últimos trazem quase sempre edições fragmentadas, contendo cenas dos comícios eleitorais de 1992, ao lado de entrevistas, assim como imagens da morte de Jonas Savimbi, ocorrida em 2002. Tais imagens, no entanto, quando tratam dos comícios e das entrevistas relativas à campanha eleitoral de 1992 muito raramente são diferentes dos vídeos postados no *youtube*.

O Multipartidarismo

Vários foram os partidos criados durante o período de regularização da vida política proporcionado pelos acordos de paz. Mais precisamente, 25 siglas foram registradas, incluindo o MPLA e a UNITA, ainda que apenas 21 tenham se apresentado para o pleito, sendo que quatro delas integrariam uma coligação, a Angola Democrática (AD), resultando em 18 siglas concorrentes. No entanto, nenhum dos pequenos partidos conseguiu “decolar”. O que se explicaria, entre outros motivos, pela falta de quadros e de recursos, quase todos concentrados nas duas grandes legendas (PINTO, 1994, p. 232 e 233).

A ideia de uma terceira força era em parte fruto de uma trajetória iniciada em meados dos anos 1980 com os chamados “democratas independentes”, ativistas dos direitos humanos, críticos ao regime de partido único e defensores da paz, que residiam nos centros urbanos do país. Muitos desses indivíduos mantinham boas relações com a Igreja Católica, instituição com representação e apoio popular suficiente para, em certa medida, lhes garantir alguma retaguarda. Suas redes alcançavam as franjas do MPLA, o partido no poder, que também possuía seus descontentes com a dureza do regime e o fracasso da economia.

Essas ideias iriam gerar a Associação Cívica Angolana (ACA), em 1990, ainda antes da oficialização do multipartidarismo, ocorrida em maio de 1991. Presidida por Joaquim Pinto de Andrade,⁷ a ACA acabaria fugindo a uma oficialização como partido político e optaria por estabelecer alianças com diferentes partidos que surgiam na nova vida política angolana, em especial a Frente para a Democracia (FpD), que reunia dissidentes do MPLA. A aproximação aos partidos acabaria levando à extinção da ACA.⁸

As previsões dos periódicos internacionais que acompanharam tanto o processo de paz quanto as primeiras movimentações dos partidos políticos tendiam a valorizar dois critérios que eram favoráveis à UNITA: o cálculo de base étnica e o desgaste dos 16 anos de poder por parte do MPLA (PINTO, 1994, p. 233).

⁷ Sacerdote que abandonou a batina e ingressou nas fileiras do MPLA para defender a bandeira da independência de Angola. Ainda antes da independência, entraria em rota de colisão com a direção do movimento, passando a defender as ideias do grupo que ficaria conhecido como Revolta Ativa. Faleceu em 2008.

⁸ Em matéria publicada no periódico português *Semanário*, em 10 de novembro de 1990, Carlos da Matta, pseudônimo do jornalista e economista José Gonçalves, traça os caminhos e a importância da chamada “terceira força”.

O componente étnico baseava-se nos poucos dados estatísticos do país, segundo os quais a população ovimbundo, baseada nas províncias do centro-sul do país, alcançava cerca de 35% da população angolana, constituindo-se no maior grupo etnolinguístico do país. De acordo com esses números e com o frágil argumento quanto a uma perfeita sobreposição entre identidade étnica e voto, a UNITA abriria vantagem eleitoral significativa por recrutar a maioria dos votos ovimbundo.

Quanto à ideia do desgaste do MPLA, esta era insuflada pelas denúncias de corrupção, mas, acima de tudo, pelos resultados das eleições ocorridas em outros países africanos. Na Zâmbia, a vitória do MMD (*Movement for Multiparty Democracy*) de Frederick Chiluba, sobre a UNIP (*United National Independence Party*) de Kenneth Kaunda, em 1991, nas primeiras eleições multipartidárias do país, colocaria fim aos sucessivos mandatos que Kaunda exercera desde a independência em 1964. Também a Argélia conheceria uma derrota do partido no poder desde a independência, em 1962, a FLN (*Front de Libération Nationale*), que nas eleições legislativas de 1992 seria batida pela FIS (*Front Islamique du Salut*).

O mesmo aconteceria nas também ex-colônias portuguesas de São Tomé e Príncipe e Cabo Verde. São Tomé e Príncipe adotou o multipartidarismo em 1990 e, nas eleições de 1991, o histórico Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe (MLSTP), que proclamara a independência do país, foi derrotado pelo Partido da Convergência Democrática (PCD). Em Cabo Verde, as primeiras eleições multipartidárias ocorreram também no ano de 1991 e, da mesma forma, marcaram a derrota do Partido Africano da Independência de Cabo Verde (PAICV) para o Movimento para a Democracia (MPD).

As comparações com outros contextos eleitorais africanos eram fruto da falta de parâmetros nacionais, já que se tratava das primeiras eleições multipartidárias do país. Também contribuiu para esse viés de análise uma certa “pasteurização” quanto aos discursos propostos pelos dois principais partidos políticos. Os antigos beligerantes transformaram-se em convictos democratas e amantes da “liberação” da economia, incentivadores de um novo credo, o do “incentivo aos agentes econômicos” (BITTENCOURT, 2010, p. 192).

A exaltação de uma economia de mercado por parte da UNITA não chega a causar espanto, se considerarmos sua flexibilidade ideológica. O movimento oscilava entre o início maoísta da sua guerrilha instalada no leste de Angola até uma aliança com

a África do Sul para combater o comunismo na África Austral e sua transformação num dos *Freedom Fighters* de Ronald Reagan, ao lado dos “contras” da Nicarágua. De fato, a UNITA e seu presidente, Jonas Savimbi, pouco falavam sobre o que pensavam a respeito da economia angolana e o que pretendiam fazer nesse terreno. As declarações sobre o tema eram pouco precisas e tendiam a se refugiar na ideia de “liberdade para os agentes econômicos” e, por fim, ao mercado paralelo ou, como vulgarmente era conhecido em Angola, à candonga.

Em entrevista ao Jornal português *Público*, de 9 de abril de 1992, ao ser perguntado sobre “qual será o discurso político da UNITA nas eleições”, o líder da UNITA Jonas Savimbi responde da seguinte forma:

Muito simples: distancio-me do Governo e dos outros. Eu quero que os angolanos sejam um povo rico. Hoje, somos todos candongueiros. Isto aqui é tudo candonga. Tudo mente, tudo rouba, nada está bem. O meu discurso é de apelo a que o angolano volte à sua dignidade e responsabilidade.

O MPLA, por sua vez, apresentava-se despido de qualquer viés socialista e os péssimos números da economia, ao mesmo tempo em que assombravam o governo e o partido, espelhavam de forma inquestionável o insucesso do projeto de uma economia planificada. No ano de 1991, a indústria transformadora alcançara apenas 22% da produção registrada em 1973, ainda no período colonial.⁹ A inflexão política e econômica era a alternativa possível e até certo ponto esperada por parte dos seus dirigentes e militantes.

Talvez, a maior explicitação de suas transformações ideológicas tenha sido apresentada na longa entrevista dada pelo Presidente José Eduardo dos Santos ao Jornal português *Expresso*, em 18 de julho de 1992.¹⁰ Em suas respostas aparece a ideia, também defendida na campanha eleitoral, de que o conflito angolano perdurara por tanto tempo em função, sobretudo, da participação de atores externos, de interesses não angolanos que condicionaram a luta e insuflaram o combate, reforçando o tom conciliador e nacionalista.

⁹ E 65% do alcançado em 1976 (FERREIRA, 1999).

¹⁰ José Eduardo dos Santos assumiu a presidência de Angola na sequência do falecimento de Agostinho Neto, em 1979.

Todavia, a maior novidade estaria na resposta dada à pergunta sobre a falência do modelo marxista-leninista:

[...] não houve aqui condições objectivas para a edificação do socialismo, tal como ele vinha escrito nos manuais de Marx, Engels, etc. [...] Aqui, o socialismo foi uma intenção, talvez não tenha passado do papel. [...] Agora estamos em busca de outros caminhos. [...] Pretendemos que Angola seja um país pacífico, democrático e com uma economia assente nas leis de mercado. [...] criar aqui uma sociedade aberta e livre, em que os cidadãos possam explorar as suas potencialidades em todos os domínios e em que a regra de ouro seja o respeito pela liberdade, pela igualdade de oportunidades dos cidadãos e onde, no domínio económico, exista concorrência e competição – em que o lucro seja o principal incentivo para o desenvolvimento das actividades económicas.

A campanha

A campanha nos meios de comunicação começou oficialmente no dia 29 de agosto de 1992, tendo sido estabelecidos 10 minutos de tempo de antena na televisão e 20 na rádio para cada uma das 18 legendas concorrentes às eleições legislativas, em dias alternados com os 12 candidatos que disputariam às eleições presidenciais. No entanto, as campanhas tinham começado de fato no ano anterior, no primeiro semestre de 1991, quando as eleições passaram a ser discutidas e as datas para sua realização passaram a ser ventiladas, antes mesmo de se obter o acordo formal de paz entre o governo e a guerrilha. Como não poderia deixar de ser, num cenário desigual como o que foi apresentado, as campanhas seriam extremamente desiguais.

As campanhas daqueles que se posicionavam no campo da terceira via, ou seja, os pequenos partidos, desde o início demonstraram grande dificuldade em abrir espaço na mídia. Não eram escutados nem se faziam escutar sobre aquela situação terrivelmente quente da política angolana. O embate de acusações entre os dois principais rivais, MPLA e UNITA, e a necessidade de pôr de pé e executar uma série de etapas que consolidassem a paz e assegurassem as eleições, tomavam conta por completo do noticiário da TV,¹¹ da Rádio Nacional, do Jornal de Angola e mesmo dos periódicos privados.

Com o avançar do ano de 1992, restava ainda alguma expectativa a respeito do rendimento dessas legendas menores no horário eleitoral a ser transmitido pelos órgãos de imprensa de maior repercussão. No entanto, as expectativas seriam duramente

¹¹ Na época só existia a Televisão Popular de Angola (TPA).

frustradas. Suas aparições na rádio e na TV eram pobres de recursos técnicos, mas também de ideias. Demonstravam não conseguir escapar à polarização entre os dois maiores partidos. Ou atacavam ambos ou a um deles, mas tinham dificuldade em explicitar o que poderiam ou pretendiam fazer. Por diversas vezes os programas televisivos dessas siglas menores não foram apresentados e suas repetições também foram recorrentes. Alguns desses partidos usariam em demasia as mensagens de ordem religiosa, apresentado ao eleitor um diversificado repertório de cânticos das igrejas protestantes, mas não elucidando muito sobre o que pretendiam realizar na política.¹²

Evidentemente, era muito difícil organizar e executar uma campanha eleitoral nacional num país recém saído da guerra, em que os antigos beligerantes mantinham forças armadas no terreno e impediam o livre deslocamento da população. Várias foram as denúncias, sobretudo em relação à UNITA, quanto ao seu desrespeito à cláusula dos acordos com o governo que previa a desmobilização de seus homens. É preciso somar ainda à conta dos obstáculos enfrentados pelos pequenos partidos a carência de recursos financeiros e de indivíduos e empresas capacitadas tecnicamente para realizar uma campanha eleitoral. A polarização MPLA *versus* UNITA venceu.

O MPLA logo à partida profissionalizou sua campanha, escolhendo, ainda no primeiro semestre de 1991, os serviços da empresa brasileira de assessoria de imprensa e propaganda Propeg e do instituto de pesquisas, também brasileiro, Sensus Mercado e Opinião, que focaram a campanha na ideia de que o MPLA e o seu presidente, José Eduardo dos Santos, eram a maior garantia da permanência da paz, recentemente conquistada, no período pós-eleitoral.¹³

A preparação do caminho a ser seguido pelos técnicos brasileiros foi realizada através de *surveys*, que contariam com cerca de 150 entrevistadores e aproximadamente 4 mil entrevistas, desde meados de 1991. Os levantamentos indicavam uma Angola menos étnica do que se imaginava, mais nacionalista e ainda muito tocada pela experiência da guerra.

¹² Ver, por exemplo, <https://www.youtube.com/watch?v=nBoUvNy246E>, acessado em 05/07/2016, https://www.youtube.com/watch?v=UftNoI-x_Z4, acessado em 05/07/2016 e <https://www.youtube.com/watch?v=fzHYezErX3Q>, acessado em 11/07/2016.

¹³ A equipe brasileira era muito diversificada e contaria com quadros de destaque do jornalismo, da publicidade, do *marketing* político e da ciência política. Entre outros podemos destacar o jornalista Ricardo Noblat, o publicitário Geraldo Walter e os cientistas políticos Ricardo Guedes e Marcus Figueiredo. Noblat afirma que a equipe brasileira era formada por 45 pessoas, entre publicitários e jornalistas. <http://noblat.oglobo.globo.com/noticias/noticia/2005/05/lembrancas-de-angola-22243.html>, acessado em 12/07/2016.

Alguns destes *surveys* foram apresentados pelo cientista político Marcus Figueiredo em conferência na Fundação do Desenvolvimento Administrativo do Estado de São Paulo (Fundap), realizada em 14 de dezembro de 1992. Como exemplo, podem ser destacadas algumas das perguntas realizadas aos angolanos de diferentes regiões do país: “O MPLA já governou Angola por muito tempo e está na hora de outra formação política ir para o governo?” Nesse caso responderam sim 21,8%, não 65,4% e não souberam ou não responderam 12,8%; “O Presidente José Eduardo dos Santos está no poder há muito tempo e está na hora de termos outro presidente?” Responderam sim 13,8%, não 74,9% e não souberam ou não responderam 11,2%; “Angola sempre foi governada por alguém do Norte. Está na hora de alguém do Sul ir para o governo de Angola?” Responderam sim 13,2%, não 69,1% e não souberam ou não responderam 17,7%; “A ‘Nação Umbundo’ sempre foi governada por outros angolanos. Está na hora da ‘Nação Umbundo’ ir para a presidência?” Responderam sim 17,4%, não 64,4% e não souberam ou não responderam 18,2%.

As pesquisas eram refinadas com filtros de escolaridade, filiação étnica, gênero e religião. Os dados confirmavam a percepção dos estrategistas do *marketing* político de uma Angola crescentemente cosmopolita, temerosa do retorno da guerra e na qual se consolidava uma ideia difusa de angolanidade. Sobre tais pressupostos foi sendo desenhada a campanha do MPLA.

As pesquisas também apresentavam os pontos fracos do MPLA, como, por exemplo, as críticas que partiam do nascente setor dos profissionais liberais, dos trabalhadores do mercado paralelo e da área rural. E, em grande medida, a campanha seria direcionada para eles, com o discurso de respeito à paz e de que muito do que não foi feito pelo governo era consequência da guerra, mas que a partir das eleições seria diferente.

O uso do *marketing* ganharia ainda maior destaque nas imagens reproduzidas em *outdoors*, filipetas, cartazes e, evidentemente, na TV. Aí se apresentaram palavras de ordem curtas, diretas e com rimas fáceis. Tudo feito com uma qualidade que Angola desconhecia como recurso audiovisual. A composição entre som e imagem emocionava e fazia o texto e a ideia serem repetidos pelos telespectadores. A distância em termos de capacidade de comunicação foi se abrindo vertiginosamente entre o MPLA e a UNITA.

Os comícios, os programas eleitorais e seus usos

Outras contribuições do *marketing* político para uma maior diversificação da campanha do MPLA foram: o aproveitamento da passagem do Papa João Paulo II por Angola;¹⁴ a ideia de que era preciso reunir a “grande família MPLA”, abrindo as portas do partido a antigos dissidentes, alguns com peso local considerável, reforçando ao mesmo tempo o novo tom conciliador da legenda e de seu Presidente;¹⁵ a aproximação às chamadas chefias tradicionais, que deixaram de ser vistas como obstáculos às ações de Estado, passando a ser valorizadas como pontos de contato e mediação com as diferentes populações, ganhando em troca presentes como rádios de pilha e bicicletas;¹⁶ e, por último, a participação da primeira dama, Ana Paula dos Santos, em *spots* televisivos e comícios, o que ajudava a conformar o ar familiar e de responsabilidade do Presidente José Eduardo dos Santos.¹⁷

Em contraponto à diversificação das ideias e dos recursos de *marketing* político levadas adiante pela campanha do MPLA, a UNITA buscou uma maior concentração nas questões de ordem militar e identitária. Com alguma frequência, em seus comícios pré-eleitorais, ao longo do ano de 1992, podemos ver seu líder, Jonas Savimbi, argumentando que fora o MPLA quem trouxera a guerra para Angola, ou ainda afirmando que não tinha “medo” do exército do governo, pois já o combatera, assim como aos “cubanos” e aos “russos”.¹⁸

Quanto ao destaque dado pela UNITA aos temas da africanidade e da legitimidade, consubstanciados na argumentação presente em muitos de seus discursos sobre quem era o angolano, este pode ser creditado tanto à perspectiva política da própria UNITA sobre o que foi a guerra civil em Angola, quanto a uma visão até certo ponto limitada das questões étnicas e raciais, porventura defendidas por alguns dos seus

¹⁴ O próprio José Eduardo dos Santos casou-se em maio de 1991, enquanto a Televisão Popular de Angola passou a transmitir as missas dominicais. Por outro lado, a face religiosa de Jonas Savimbi estava associada ao protestantismo (Albuquerque, 2002). Sobre o uso da viagem de João Paulo II pelo MPLA vale ver <https://www.youtube.com/watch?v=77FUDgO477o>, acessado em 05/07/2016.

¹⁵ No vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=M9SOv8ZLm28>, acessado em 05/07/2016, é possível ver a participação de vários dirigentes do MPLA discursando em diferentes comícios da legenda, o que não encontramos em relação a UNITA. Ou ainda em <https://www.youtube.com/watch?v=-qDb5EmNj0c>, acessado em 11/07/2016.

¹⁶ Ver <https://www.youtube.com/watch?v=-qDb5EmNj0c>, acessado em 05/07/2016.

¹⁷ O vídeo postado em <http://www.youtube.com/watch?v=vtTjylKIQkg&NR=1>, acessado em 29/06/2016, apresenta muitos desses elementos da campanha do MPLA.

¹⁸ Em <https://www.youtube.com/watch?v=AcxRskxhtis> ou ainda em <https://www.youtube.com/watch?v=lqCFIFE-TLo>, acessados em 04/07/2016.

consultores. Todavia, dificilmente esses técnicos teriam controle efetivo sobre os discursos e, sobretudo, as interpretações realizadas por Jonas Savimbi, no calor do palanque. Acrescente-se a esse fato um outro item que tornava a situação ainda mais complexa, que era a utilização de línguas nacionais angolanas pelo líder da UNITA ao longo dos comícios, o que tanto tendia a favorecer sua ideia de legitimidade e africanidade, como o deixava mais distante do controle mais preciso por parte dos seus assessores de campanha.¹⁹

Não obstante tais pronunciamentos mais frontais ou, mais provavelmente, em função de tais discursos, é possível perceber algumas ocasiões em que o próprio Savimbi parecia fazer um certo recuo, como, por exemplo, quando afirmou, no comício da Província do Huambo, que

[...] todas as vezes que outros partidos opostos a UNITA quiseram falar do tribalismo estavam a pensar em nós. Todas as vezes que quiseram falar do racismo estavam a pensar em nós. Mas a definição do cidadão angolano, que a própria constituição do MPLA tem foi escrita por mim [...] não definia o angolano como mulato, como branco, como preto, definia o angolano como aquele que ama Angola e luta por Angola.²⁰

De fato, é possível ponderarmos o quanto a centralidade de Jonas Savimbi na campanha da UNITA e no seu partido, assim como sua capacidade mediática, sempre expressa em entrevistas desafiadoras²¹ ofuscaram a real capacidade de direcionamento da campanha da UNITA pelas empresas de *marketing* político e os lobistas internacionais que assessoravam o partido. Nessa tarefa de moldagem da imagem da UNITA, uma posição de destaque deve ser dada ao ex-oficial da inteligência militar e ex-diplomata sul-africano, Sean Cleary.²²

Por outro lado, a forma irônica das falas de Savimbi e sua capacidade de animar a plateia nos comícios com brincadeiras, em certa medida fascinavam os ouvintes e

¹⁹ Em <http://www.youtube.com/watch?v=CXHM-2OwuYg&feature=related>, acessado em 29/06/2016, pode ser observado o uso que Jonas Savimbi fazia da língua umbundo nos seus comícios. Ou ainda em <https://www.youtube.com/watch?v=utjvwLbIqAk>, também acessado em 29/06/2016.

²⁰ Em <https://www.youtube.com/watch?v=utjvwLbIqAk>, acessado em 29/06/2016, especificamente no minuto 22:30'. Ou ainda no comício de Luanda em <https://www.youtube.com/watch?v=EmemuX8Riug>, acessado em 04/07/2016.

²¹ Como, por exemplo, em <https://www.youtube.com/watch?v=XUvznN-LCFA>, numa longa entrevista ocorrida na Huíla, acessada em 04/07/2016.

²² O currículo mínimo de Sean Cleary pode ser visto em <https://za.linkedin.com/in/seancleary>. Entre os demais participantes na assessoria da UNITA pode ser citado o nome da lobista internacional K. Rita Levinson.

atraíam a atenção da população. Os gritos de “o nosso galo voa” e “UNITA ié, ié, ié”²³ surtiam efeito positivo para prender a atenção dos presentes aos comícios e mesmo nas rodas de conversa no dia seguinte das principais cidades. O “bordão” de campanha da UNITA mais repetido talvez tenha sido o famoso “calças novas em setembro”, que aludia ao fato de que os eleitores que quisessem ter “calças novas” ou “uma vida melhor” deveriam votar na UNITA.²⁴

Essas “brincadeiras” eram acompanhadas por severas críticas ao governo e cumpriam um papel importante na campanha de Savimbi, afinal os angolanos não estavam acostumados ao debate franco e à presença de tantas críticas ao governo, em especial as que diziam respeito às acusações de corrupção.²⁵ No entanto, em muitos casos o líder da UNITA parecia exceder o tom, não conseguia evitar o ar de desafio, de revanche, demonstrando o quanto, para ele, era inimaginável uma derrota nas eleições de 29 e 30 de setembro.²⁶

Do outro lado, os assessores do MPLA amplificaram as falas mais duras de Jonas Savimbi e traduziram tal agressividade em imagens. Um bom exemplo desse uso pode ser visto nos vídeos “Comício de Jonas Savimbi em Luanda – Angola, 1992” e “Contradições de Jonas Savimbi – Angola, 1992”, acessados pelo *youtube*.²⁷ No primeiro, a partir da afirmação de que Savimbi era “violento, autoritário e destruidor”, o locutor em *off* enfatiza que o próprio Savimbi confessava esse perfil e, em seguida, reproduz o famoso trecho do discurso de Jonas Savimbi em Luanda, em que ele afirma: “fomos nós que atacamos o aeroporto naquele dia, na altura negamos, que não éramos nós, porque diplomaticamente não convinha”.

No segundo vídeo, mais elaborado e maior, o MPLA iria apresentar oito contradições presentes nos discursos de Jonas Savimbi, com destaque para o quadro em que ele aparece afirmando que “a paz veio para ficar”, para num segundo momento ser destacado o trecho de outro discurso em que ele ameaça: “se me provocarem isso vai ficar feio. Eu agora tenho um exército”. Todos os quadros desse segundo vídeo eram

²³ O símbolo da UNITA é um galo negro. Podemos ver o seu uso em <https://www.youtube.com/watch?v=EmemuX8Riug>, acessado em 04/07/2016.

²⁴ O comício de Benguela foi especial quanto aos bordões e pode ser visto em <https://www.youtube.com/watch?v=epYp05dbiB4>, acessado em 04/07/2016. Ou ainda <https://www.youtube.com/watch?v=COCELFgNF-s>, acessado em 04/07/2016.

²⁵ Em <https://www.youtube.com/watch?v=MhJkSSSBg7g>, acessado em 04/07/2016, em especial a partir do minuto 5:00. Ou ainda em <https://www.youtube.com/watch?v=YDsAHT1qVdc>, acessado em 05/07/2016.

²⁶ Por exemplo em <https://www.youtube.com/watch?v=YDsAHT1qVdc>, acessado em 05/07/2016.

²⁷ O primeiro pode ser acessado em <http://www.youtube.com/watch?v=tU9R6Kfoj5k&feature=related>, acessado em 05/07/2016, e o segundo em <http://www.youtube.com/watch?v=CC3O31ttsQ>, acessado em 05/07/2016.

separados por uma imagem fixa de Jonas Savimbi, fardado, com uma pistola à cintura, num movimento de braço que fazia crer que ele iria pegar na arma. Essa imagem seria estampada em vários materiais de propaganda do MPLA, quase sempre acompanhada de uma outra em que aparecia José Eduardo dos Santos trajando terno e gravata, com um olhar sereno, leve sorriso no rosto e algumas vezes acompanhado por uma pomba branca. A descrição pode parecer óbvia em demasia e muito mecânica, mas seu efeito em explicitar quem melhor poderia garantir a conquista da paz não deixa dúvida.²⁸

Era evidente que a UNITA demonstrava grande dificuldade em transformar-se num partido político, dado o peso de sua estrutura militar. Vale lembrar que também o *staff*, presente nos palanques, em companhia a Jonas Savimbi, de forma corriqueira trajava farda e ostentava armas, passando, sem filtros, uma imagem de força militar, dificilmente desconectada da imagem de guerra.²⁹

No entanto, é preciso lembrar que essa mensagem de força por parte da UNITA não foi linear. Durante a campanha Jonas Savimbi recorrentemente seria apresentado como o “Muata da Paz”, o chefe da paz. Além disso, em diversos comícios Jonas Savimbi se apresentou com roupas civis, deixando de lado o fardamento.³⁰ Mas era difícil que essa leitura prevalecesse. As mensagens em sentido contrário, emitidas pela própria UNITA, além de recorrentes eram amplificadas pela campanha adversária do MPLA. Savimbi parecia ter a certeza de “conhecer” o seu “povo”. Gostava, por exemplo, de frisar sua “vitória” contra russos e cubanos, como quando perguntado por que se queixara da rapidez das eleições, quando esta havia sido uma demanda da UNITA:

²⁸ Um outro vídeo da campanha do MPLA apresentava essa ideia através da exposição das mãos de algumas pessoas, em que ora aparecia uma laranja ora uma granada. Ao fundo uma voz afirmava que o povo angolano saberia em quem votar pela manutenção da paz e em quem votar pela volta da violência. Ver em <https://www.youtube.com/watch?v=MORuFHFF6ug>, acessado em 05/07/2016.

²⁹ Herman Cohen, ex-Secretário de Estado Adjunto para assuntos africanos do Departamento de Estado dos EUA, corrobora essa análise em entrevista a *Voz da América*, <http://www.voaportugues.com/a/savimbi-acreditava-numa-vitoria-militar-apos-as-eleicoes-de-1992-116837763/1259624.html>, acessado em 04/07/2016. Nas suas palavras, a UNITA “fez uma campanha de guerra. Por exemplo, disse que ia punir todos os que estavam no mercado negro, o que foi um erro: a única maneira de sobreviver em Angola, naqueles dias, era o mercado negro. E fez uma campanha com armas e sempre em camuflado. E com isso assustou as pessoas. E Eduardo dos Santos falava de paz e segurança e jogava futebol com as crianças. O contraste foi grande. E apesar de no início Savimbi ser favorito, assustou as pessoas e acabou por perder”.

³⁰ Na longa entrevista ocorrida na Huíla, já citada anteriormente, e disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=EdXsKWzk6wY>, acessada em 11/07/2016, especialmente no minuto 21:00’, Savimbi admite um pedido de seus assessores para não entrar em Luanda fardado. Segundo ele, apesar da sua concordância, tão logo foi possível voltou ao fardamento, pois, nas suas palavras “durante muito tempo eu vivi com esse fardamento”.

É verdade. E também temos vantagem nisso: agora o povo pensa que quem correu com o cubano está aqui, é a UNITA. Se as eleições fossem daqui a dois, três anos, iam-se esquecer (PÚBLICO, 9/4/1992).

Ao mesmo tempo, Jonas Savimbi e a UNITA davam sinais de ter a noção exata do problema gerado pela imagem violenta e militar. Ainda que pudessemos relacionar algumas de suas falas à consciência da necessidade de manter certa fachada de que existia espaço para discussão dentro da UNITA, não se deve desconsiderar o que diz Savimbi, na mesma entrevista ao jornal português Público, em 9/4/1992, a respeito de uma de suas temporadas no seu antigo quartel general, a Jamba:

No que diz respeito à nossa reflexão, ela é necessária. Não estou a esconder: nós temos problemas! A UNITA uniu-se e lutou como ninguém em África, contra 60 mil cubanos e russos. Todos passaram pela Jamba como prisioneiros. Todos. Até portugueses! (...) [Questionado mais precisamente se a UNITA tinha dificuldade de separar o político do militar] É difícil. Também, como o cubano já não está, é preciso definir um outro objectivo, que é o país, que é a democracia, que é a tolerância. Leva um certo tempo...Dezesseis anos de guerra e depois só dez meses... (PÚBLICO, 9/4/1992).

As declarações do líder da UNITA evidenciam que ao menos o tema da militarização ostensiva tinha sido alvo de reflexão, mesmo que a solução ou o encaminhamento acabasse sendo o de um reforço da imagem de confrontação e valorização de suas capacidades militares. Essa estratégia de força ganharia maior destaque na reta final da campanha, quando a UNITA passaria a ter que defrontar a dissidência de dois importantes quadros: Nzau Puna, seu secretário-geral, e Tony da Costa Fernandes, seu homem forte nas relações exteriores. A saída conjunta de ambos ocorre em março de 1992, quando desferem pesadas acusações a Jonas Savimbi, entre elas a do assassinato de dirigentes e seus familiares.³¹ O ponto alto das denúncias seriam os assassinatos de Tito Chingunji, representante da UNITA em Washington, e Wilson dos Santos, representante da UNITA em Portugal.³²

³¹ Os dois dissidentes da UNITA concederam uma série de entrevistas em diferentes órgãos da imprensa internacional e em todas elas apresentavam detalhes das violências e citavam nomes dos desaparecidos e quando isto teria ocorrido, sempre explicitando que as mortes eram responsabilidade de Jonas Savimbi. A repercussão das denúncias obrigou a UNITA a uma série de desmentidos, que não alcançariam a coerência das acusações, até porque muitos dos nomes citados estavam mortos. Entre as entrevistas de Miguel N`Zau Puna e Tony da Costa Fernandes destaca-se a do periódico português Público, de 12 de abril de 1992.

³² Quando da saída de Nazu Puna e Tony da Costa Fernandes da UNITA, comentou-se sobre a possibilidade de seu ingresso nas forças da Frente de Libertação do Enclave de Cabinda (FLEC), já que ambos são da região e esse era um tema que Jonas Savimbi gostava de explorar. Savimbi falou algumas vezes que os Cabindas

A resposta da UNITA para tentar minimizar o efeito dessas acusações foi responsabilizar os dois ex-dirigentes, sobretudo Puna, por parte dos acontecimentos que eram imputados a Jonas Savimbi. E, em certa medida, o partido conseguiu algum resultado ao apontar Nzau Puna como o “número dois” da organização e “presidente do interrogatório” que julgara Tito Chingunji e Wilson dos Santos (PÚBLICO, 9/4/1992). Puna e Fernandes, por sua vez, diziam que seus cargos nada pesavam diante do autoritarismo de Savimbi. O fato é que a UNITA, apesar de conseguir minimizar algumas das acusações feitas pelos dois dissidentes, acabaria marcada pelas mortes denunciadas e, na sequência, comprovadas.

Um último item sobre esse episódio ajuda a perceber suas consequências. Questionado pelo jornal Público, na mesma entrevista de 9 de abril de 1992, sobre o “mau capital político” que as mortes dos dois dirigentes trazia à UNITA, sobretudo em tempos de paz, já que ambos teriam sido assassinados no segundo semestre de 1991, Savimbi responde: “É um bom capital, porque, se eu quisesse eliminá-los, eliminava-os durante a guerra. Vou eliminá-los durante a paz por que?” O tom, a recorrência e a pouca inibição com que usou o verbo eliminar mais uma vez reforçou a imagem ditatorial e violenta do líder da UNITA.

Outro item de discussão na campanha que parecia irritar Jonas Savimbi, fazendo com que sua fala agressiva fosse mais acentuada, era a chamada polícia anti-motim, criada pelo governo, popularmente conhecida como “os ninjas”. De fato se tratava de uma polícia altamente militarizada, também chamada de intervenção rápida, que parecia cumprir o papel de defesa do governo e, conseqüentemente, do MPLA, funcionando em certa medida como uma resposta aos atrasos da UNITA no processo de desmobilização de suas tropas. Em um dos seus últimos comícios Savimbi afirmaria: “Não tenham medo. Os que lutaram contra os russos e os cubanos estão aqui [...] Se nós tivéssemos medo dos ‘ninjas’ que andam a fazer confusão, não vínhamos para aqui. Para nós, os ‘ninjas’ são como o cachorro. Um dia vão passar com a cauda no fogo” (PÚBLICO, 23/09/1992).³³

deveriam decidir se queriam ficar ou não dentro de Angola, enquanto o MPLA mantinha a ideia de que o território nacional era indivisível. Com o passar do tempo, os dois dissidentes acabariam engrossando, com outros dissidentes da UNITA, o Fórum Democrático Angolano (FDA), que conseguiria eleger um deputado.

³³No comício da Gabela, no Cuanza Sul, que pode ser visto em <http://www.youtube.com/watch?v=lqCFIFE-TLo&feature=related>, acessado em 05/07/2016, o líder da UNITA vai mais longe e afirma que a polícia anti-motim “está a levar no focinho”.

Ainda no terreno do *marketing* político, a UNITA também buscou o uso diversificado das mídias. Até o início de 1992, o partido dizia ser possível pôr em funcionamento o seu próprio canal de televisão, para fazer frente ao canal governamental, que acusava de favorecer o partido no poder. O canal televisivo da UNITA não se confirmou, mas o partido contaria com a sua própria rádio, a Vorgan, que iniciara suas transmissões em 1979, no correr da guerra civil,³⁴ e que foi um importante canal de comunicação do partido com a população durante as eleições. No entanto, dificuldades técnicas impediam sua audiência em todo o território angolano. As publicações impressas e os *outdoors* também foram usados pelo movimento do Galo Negro, como era e continua sendo chamada a UNITA, em uma referência ao símbolo do partido. Seus materiais de campanha, no entanto, reproduziam tanto a concentração na imagem e nas falas de seu líder, Jonas Savimbi, quanto as mensagens contraditórias de luta pela paz e ameaças de revanche.

A atitude belicosa da UNITA alcançaria o seu momento mais explícito na campanha eleitoral quando, duas semanas antes das eleições, Jonas Savimbi declara que, caso ele e seu partido não vencessem o pleito, isso se explicaria pela ocorrência de fraudes, que gerariam reação de seu potente exército. Com aquele pronunciamento, tornava-se inconciliável qualquer imagem de paz com a UNITA e Jonas Savimbi. A declaração projetava o temor de grande parte da população: o retorno à guerra. Esse foi um espectro sempre presente durante a campanha e que assombrava os eleitores. E será com essa imagem que a UNITA irá encerrar sua campanha.

Os resultados eleitorais

Os resultados finais das eleições presidenciais de 1992 consagrariam a José Eduardo dos Santos 49,57% dos votos, a Jonas Savimbi 40,07% e a Alberto Neto, do Partido Democrático Angolano (PDA), o terceiro colocado, 2,16% dos votos nacionais. Os dados demonstravam a distância entre os dois primeiros e o terceiro, reforçando a polarização observada na campanha eleitoral, mas indicavam também a necessidade de um 2º turno entre os dois principais candidatos. O que não iria acontecer, em função da contestação dos resultados pela UNITA e o retorno à guerra.³⁵

³⁴ A Rádio Vorgan seria extinta em 1998 e, posteriormente, passaria a se chamar Rádio Despertar.

³⁵ Os resultados podem ser acompanhados em <http://www.cne.ao/estatistica1992.cfm>, acessado em 05/07/2016. Ou ainda em http://africanelections.tripod.com/ao.html#1992_Presidential_Election, acessado em 05/07/2016,

Quanto às eleições para o parlamento nacional, que foram divididas nos ciclos nacional e provincial, o MPLA faria 70 deputados no ciclo nacional e 59 no provincial. A UNITA faria, respectivamente, 44 e 26 deputados, o Partido Renovador Social 3 e 3, e a FNLA 3 e 2. Os demais partidos fariam deputados apenas no ciclo nacional, sendo que o Partido Liberal Democrático faria 3 deputados, enquanto o Partido Renovador Democrático (PRD), o Partido da Aliança Juventude Operários e Camponeses de Angola (PAJOCA), o Partido Democrático para o Progresso / Aliança Nacional Angolana (PDP-ANA), o Partido Nacional Democrático de Angola (PNDA), o Fórum Democrático Angolano (FDA), o Partido Social Democrata (PSD) e a Coligação Angola Democrática (AD) elegeriam 1 deputado cada. O Partido Angolano Independente (PAI), o Partido Democrático Liberal Angolano (PDLA), o Partido Social Democrático Angolano (PSDA), o Partido Reformador Angolano (PRA), a Convenção Nacional Democrática de Angola (CNDA) e o Partido Democrático Angolano (PDA) não elegeram deputados.³⁶

Os números informavam também que o MPLA fez mais votos que o seu candidato a Presidente. Enquanto o partido recebeu 2.124.126 votos, José Eduardo dos Santos somou 1.953.335. Na principal legenda rival aconteceu o contrário. Enquanto a UNITA recebeu nacionalmente 1.347.636 votos, Jonas Savimbi foi votado por 1.579.298 eleitores.³⁷

Em função das votações obtidas, as análises dos resultados eleitorais de 1992 tendem a destacar, nem sempre de forma conjunta, três aspectos como os principais responsáveis pelas vitórias de José Eduardo dos Santos nas presidenciais e do MPLA nas legislativas: o fator étnico, o uso privilegiado da máquina administrativa e de propaganda do Estado por parte do MPLA e os inúmeros erros de Jonas Savimbi e seu partido, que teriam se transformado em “cabos eleitorais” do MPLA.³⁸

Os equívocos de Savimbi e seu partido já foram comentados ao longo do texto. Quanto à utilização da máquina do Estado, valeria reforçar o proveito tirado pelo MPLA da sobreposição existente entre ele e o Estado angolano. Os recursos financeiros, ainda

<https://www.youtube.com/watch?v=-TEXPBOqHY4>, acessado em 05/07/2016 e

<https://www.youtube.com/watch?v=2FMKdkJA2tY>, acessado em 05/07/2016.

³⁶ <http://www.cne.ao/estatistica1992.cfm>, acessado em 05/07/2016.

³⁷ Alguns desses números provinciais podem ser vistos em Pinto (1993).

³⁸ Domingo Amuchástegui (1992) elenca vários fatores que favoreceriam uma vitória do MPLA, entre eles uma reavaliação por parte das potências ocidentais, incluindo os EUA, acerca de um eventual governo de continuidade do MPLA, resultante, em grande medida, dos temores em relação a solução UNITA.

que escassos, acrescidos pela capacidade de endividamento e os meios administrativos, mesmo que fragilizados pela longa guerra civil, seriam de extrema importância para fazer chegar a voz de José Eduardo dos Santos e do seu partido aos locais mais isolados do país. E chegariam chancelados pela marca do poder, ao mesmo tempo em que se apresentavam como os fiadores da paz.

Instalações governamentais, meios de transporte e funcionários públicos passaram a refletir a interação existente entre o partido e o Estado. Como exemplo mais explícito dessa perfeita imbricação podemos citar o fato de até mesmo as cores do partido, o vermelho e o preto, se confundirem com as cores do país, também o preto e o vermelho.³⁹ Entretanto, o que de certa forma surpreendeu nessa relação entre o partido e o Estado foi a capacidade do MPLA em inverter a perspectiva que o desqualificava por ter sido governo por 16 difíceis anos. Esse fato não se transformou num fardo insuperável, mas sim numa vantagem, a saber, no conhecimento de diferentes regiões e formas de pensar e agir, que se mostrou fundamental para a condução e para o resultado final da campanha.

No tocante à presença do fator étnico, a sua influência ou seu peso variou conforme a região e o partido. É evidente a votação expressiva da UNITA no Bié, com 76,9% dos votos, e do seu presidente, com 83,9%. Da mesma forma, a UNITA obteve 73,4% dos votos no Huambo, enquanto Savimbi alcançou 81,4%. Ambas províncias do centro-sul do país, com concentração da população ovimbundo. Por outro lado, também podemos analisar a relação entre voto e grupo étnico através de outra perspectiva, pois quando olhamos para Benguela, uma outra província da mesma região, é possível verificar que Jonas Savimbi angariou 59,7% dos votos válidos, reduzindo bastante a casa dos 80% que alcançara nas províncias anteriormente citadas, enquanto seu partido alcançaria 53,5%. Esses números indicam que o chamado voto étnico na UNITA e no seu presidente perdeu fôlego numa área mais urbanizada, litorânea, com maior contato com a capital e com maior experiência de convívio entre diferentes grupos étnicos e também entre negros e não negros.

³⁹ A semelhança entre as duas bandeiras é gritante; na do país aparece, em amarelo, uma roda dentada e uma catana, espécie de facão, sobrepostos, acompanhados por uma estrela, também amarela; na do MPLA aparece apenas a estrela amarela. Nos dois casos as bandeiras são compostas por dois retângulos, o de cima vermelho e o de baixo preto. Essa proximidade foi e continua sendo recorrentemente fruto de acusação por parte dos partidos da oposição. Em 2003 foi apresentado um novo projeto de bandeira para o país, totalmente diferente do existente, mas o projeto não passaria disso, permanecendo até hoje a bandeira assumida na independência. Ainda sobre as cores dos partidos, é muito curioso que não se destaque o fato de que as cores da UNITA são as cores do antigo colonizador, o verde e o vermelho.

No entanto, mesmo essa questão da urbanização precisa ser analisada com moderação, pois no Lobito, cidade que dista 30 km de Benguela, capital da província de mesmo nome, a UNITA venceu com números superiores aos registrados no somatório geral da província. Da mesma forma, no Namibe, a UNITA acabaria recebendo mais votos na área urbana do que na área rural.⁴⁰ Porém, no geral dos votos computados em áreas urbanas, o MPLA ultrapassou a casa dos 60%, o que se mostrou fundamental num país em que diferentes analistas e periódicos, na ausência de dados oficiais, trabalhavam com a ideia de que aproximadamente 50 a 60% da população residia, quando das eleições em 1992, em área urbana.

Não há como não relacionar essa urbanização acelerada a uma possível influência sobre as identidades de caráter étnico. Todavia, para complexificar mais o quadro, podemos argumentar também que as populações urbanizadas têm uma vivência dupla da guerra. Afinal, elas foram expulsas de suas terras de origem, mas também são vítimas das péssimas condições de vida nas cidades, em especial no tocante à moradia e às crises de abastecimento de água e luz. Sendo que a percepção do quanto as suas dificuldades do cotidiano são fruto da guerra é muito elevada.

Ou seja, o vínculo étnico parece ter um limite na sua transposição em voto. E isso foi fundamental para o MPLA, que recebeu um bom número de votos em todas as regiões. Afinal, tanto o partido quanto José Eduardo dos Santos, quando não foram os mais votados, foram os segundos, e essa segunda opção só ocorreu em 5 das 18 províncias no caso de José Eduardo dos Santos e em 4 para o MPLA. Essa votação, mais dispersa pelo território, pelas idades e pelas áreas urbanas e rurais, em parte pode ser analisada como resultante da campanha ao longo do ano de 1992. Votos que foram conquistados e que à partida poderiam não ser do MPLA, nem de José Eduardo dos Santos.

No entanto, a referência aos limites do voto étnico não deve impedir a constatação de sua existência e força na eleição de 1992 em Angola. É indiscutível a supremacia dos votos da UNITA no planalto central, leste e sudeste do país, confirmando a força do voto étnico. Lembremos, no entanto, que essa era também a principal área de atuação do partido de Jonas Savimbi no decorrer da campanha, até

⁴⁰ Alguns desses dados sobre os fenômenos da etnicidade e da urbanização nas eleições de 1992 podem ser encontrados em Pacheco (1992).

como resultado de sua leitura eleitoral, baseada em grande medida no mapa étnico de Angola.

As concentrações de voto sugerem também uma outra variável bem mais difícil de ser entabulada e sobre a qual apenas podemos fazer menção. Esta diz respeito aos diferentes tipos de pressão exercida pelos militantes e militares sobre as populações para um direcionamento do voto.⁴¹

Concluindo... o fim das eleições e o retorno da guerra

Após o início da divulgação dos resultados parciais oficiais pelo Conselho Nacional Eleitoral no dia 3 de outubro de 1992, apontando a vitória do candidato José Eduardo dos Santos e do MPLA, o líder da UNITA, Jonas Savimbi, afirmou em “mensagem ao país”, entre outras advertências e acusações, que não acreditava nos resultados divulgados até então e reforçou que “o MPLA não está a ganhar, o MPLA não pode ganhar” (PACHECO, 1992). Seu discurso foi interpretado dentro e fora de Angola como uma ameaça de retorno à guerra. A sequência dos acontecimentos não deixou dúvidas quanto à disposição da UNITA em forçar uma outra negociação, desconsiderando as eleições.

No dia 5 de outubro, 11 generais procedentes da UNITA abandonaram o exército unificado, as Forças Armadas Angolanas (FAA), criado uma semana antes, no dia 28 de setembro, um dia antes do início da votação. As FAA abrigavam militares provenientes do exército governamental, as Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (FAPLA), e do exército da UNITA, as Forças Armadas de Libertação de Angola (FALA). No dia seguinte, 6 de outubro, Jonas Savimbi abandonou a capital e seguiu em direção à cidade do Huambo, no planalto central, considerada um dos berços da UNITA e onde tinha recebido a votação mais expressiva.

⁴¹ Vários foram os boatos que circularam pelo país a respeito da capacidade que os dirigentes teriam de descobrir como foi exercido o voto pela população, o que abria espaço para um grande temor quanto a uma retaliação drástica, caso o voto tivesse sido dado ao oponente. A própria Comissão Nacional Eleitoral (CNE) preparou um material para ser veiculado pelos diferentes órgãos de imprensa e desmentir tal possibilidade. Evidentemente, nesse caso, é muito difícil avaliar o alcance, em termos de direcionamento do voto, tanto do temor acerca da sua violabilidade quanto da conscientização que foi feita a respeito da impossibilidade desta. O próprio MPLA fez menção a essa ideia em alguns de seus comícios como podemos ver em <https://www.youtube.com/watch?v=M9SOv8ZLm28>, acessado em 05/07/2016, em especial no seu minuto 2:50'. Nesse trecho o destacado dirigente do partido, Lopo do Nascimento, alerta que no voto “é tudo secreto” e que no local de votação “ai nem o feiticeiro entra”.

Os movimentos em direção ao confronto aberto se sucederam. As visitas do secretário de estado adjunto para assuntos africanos dos EUA, Herman Cohen, e da Representante Especial do Secretário-Geral da ONU em Angola, Margaret Anstee, a Jonas Savimbi, com o intuito de convencê-lo a aceitar os resultados eleitorais naufragaram.⁴² Três dias após o encontro entre Anstee e Savimbi, o chefe da delegação da UNITA na Comissão Conjunta Político Militar, o órgão que implementou os acordos de Bicesse e supervisionou os passos políticos e militares do país até as eleições, Salupeto Pena, sobrinho de Jonas Savimbi, declarou a uma emissora de rádio portuguesa que a guerra seria retomada se os resultados eleitorais fossem publicados.⁴³

No dia 13 de outubro teve início uma série de ocupações de posições por parte das FALA em vários municípios espalhados pelo país, mesmo assim os resultados finais das eleições foram divulgados oficialmente em 17 de outubro. José Eduardo dos Santos, como afirmado anteriormente, venceu no primeiro turno, sem obter, no entanto, maioria absoluta, abrindo espaço para um segundo turno das eleições presidenciais. À época especulou-se que José Eduardo dos Santos teria ganho as eleições ainda no primeiro turno e que a contagem resultando num segundo turno teria sido parte de uma tentativa de negociação com o objetivo de evitar a retomada dos conflitos. Nas legislativas o MPLA obteve 53,7% dos votos, enquanto a UNITA alcançou 34,1% do eleitorado. No mesmo dia Margaret Anstee emitiu declaração oficial reconhecendo as eleições como tendo sido “livres e justas” (CORREIA, 1996).

A guerra retornou de vez com todas as cores e muitas mortes no último dia do mês de outubro, com o início dos confrontos abertos na cidade de Luanda.⁴⁴ De fato, essa nova guerra não teve declaração oficial de início dos confrontos por qualquer uma das partes. Os ataques e contra-ataques se sucederam entre desmentidos e reuniões para contorná-los. A UNITA continuaria desafiando suas acusações quanto à ocorrência de inúmeras fraudes nas eleições, chegando ao limite de afirmar que iria “somalizar

⁴² Essa sequência de reuniões é descrita em pormenor no livro da própria Margaret Anstee (1997).

⁴³ Várias dessas ameaças podem ser vistas em <https://www.youtube.com/watch?v=57RdC1ia7ak>, acessado em 05/07/2016. Na sequência desse vídeo podemos ver as declarações de Margaret Anstee de que as eleições tinham sido “de uma forma geral livres e justas”. No final surge uma entrevista do responsável da UNITA, Abel Chivukuvuku, no hospital, após as ações armadas corridas em Luanda na sequência do retorno da Guerra em 1992. Outras ameaças podem ser vistas no seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=mcUawg4UNiE>, acessado em 05/07/2016, especialmente até o minuto 1:50’.

⁴⁴ É possível encontrar vários vídeos sobre tais confrontos no *youtube*. Ver, por exemplo, https://www.youtube.com/watch?v=WGonTV_I17M, acessado em 05/07/2016.

Angola”.⁴⁵ Enquanto isso, as chancelarias internacionais e a ONU investiram numa sequência infundável de reuniões dentro e fora do território angolano, na tentativa de fazer o líder da UNITA retomar o processo e participar do segundo turno. Não deram resultado.

Foram mais 10 longos anos de guerra para que a paz voltasse a Angola, ainda que preenchidos com novas tentativas de negociação entre os beligerantes. Um novo acordo de paz entre o governo e a UNITA seria assinado em abril de 2002, após a morte em combate de Jonas Savimbi, ocorrida em fevereiro do mesmo ano.

Referências

ALBUQUERQUE, Carlos. **Angola. A cultura do medo**. Lisboa: Editora Livros do Brasil, 2002.

AMUCHÁSTEGUI, Domingo. Angola: Quién ganará? **Revista de Africa y Medio Oriente**, vol. 9, n.º 1, 1992, p. 1-12.

ANSTEE, Margaret Joan. **Órfão da Guerra Fria: radiografia do colapso do processo de paz angolano 1992/1993**. Porto: Campo das Letras, 1997.

BITTENCOURT, Marcelo. Conflitos, identidades e voto em Angola. In: RIBEIRO, Alexandre; GEBARA, Alexsander; BITTENCOURT, Marcelo (Org.). **África passado e presente: II encontro de estudos africanos da UFF**. Niterói: PPGHISTÓRIA-UFF, 2010, p. 174-186.

BITTENCOURT, Marcelo. **“Estamos Juntos!” O MPLA e a luta anticolonial (1961-1974)**. Luanda: Kilombelombe, 2008. 2 volumes.

CORREIA, Pedro Pezarat. **Angola. Do Alvor a Lusaka**. Lisboa: Hugin, 1996.

FERREIRA, Manuel Ennes. **A indústria em tempo de guerra (Angola, 1975-91)**. Lisboa: Edições Cosmos/Instituto da Defesa Nacional, 1999.

MARCUM, John. **The angolan revolution**. Exile politics and guerrilla warfare (1962-1976). Cambridge: The M.I.T. Press, 1978.

MARCUM, John. **The angolan revolution**. The anatomy of an explosion (1950-1962). Cambridge: The M.I.T. Press, 1969.

PACHECO, Fernando. **A crise pós-eleitoral: Angola falha novo encontro com a História**. Luanda: Mimeo, 1992.

PINTO, Marcelo Bittencourt Ivair. A questão Étnica e Racial nas Eleições Angolanas. **Estudos Afro-Asiáticos**. V. 25, 1994, p. 225-250.

⁴⁵ É preciso referir que muitos analistas e observadores do processo eleitoral reconhecem a existência de irregularidades nas eleições de 1992, mas relacionam tais episódios ao ineditismo da operação e a não desmilitarização por completo das forças até então beligerantes. Sobretudo, falam em irregularidades e não em fraude generalizada. Pacheco (1992) diz que as eleições não foram nem livres, nem justas, mas as possíveis.

REZOLA, Maria I. **25 de Abril – Mitos de uma Revolução**. Lisboa: Esfera dos Livros, 2007.

SECCO, Lincoln. **A Revolução dos Cravos**. São Paulo: Editora Alameda, 2004.

TALI, Jean-Michel Mabeko. **O MPLA perante si mesmo (1962-1977)**. Luanda: Nzila, 2001, 2 volumes.

Recebido em: 06 de dezembro de 2016.

Aprovado em: 28 de dezembro de 2016.